

MICHEL VERRET:

U M M A R X I S T A
D I A N T E D A
I G R E J A , C A T Ó L I C A

o texto abaixo é o resumo, corrigido pelo autor, de notas tomadas durante uma conferência feita em outubro de 1963, diante de um público de cristãos militantes, a convite deles, sobre o tema: "O marxista diante da Igreja Católica!" O autor, Michel Verret, é militante comunista desde 1944, colaborador da revista marxista "A Nova Crítica", e autor de um livro editado há três anos: "Os marxistas e a religião" -ensaio sobre o ateísmo moderno.

extraído de "masses ouvrières" , éditions ouvrières, Paris, nº 204, fevereiro de 1964, pgs. 26 a 46.

Se aceitamos nas páginas de nossa revista o texto que se segue, de um marxista, isto é devido à importância qualitativa e quantitativa do fenômeno marxista na sociedade hodierna. É devido também, digamo-lo, à obra do acaso.

A importância do marxismo? Não é preciso insistir. Em que bairro, em que fábrica, em que instituição os marxistas não são ativos? Qual o cristão que não teve oportunidade de entrar diariamente em contato com um camarada marxista? E os próprios padres, se são simplesmente atenciosos e acolhedores para com todos?

O acaso? Em outubro do ano passado, um sacerdote, vigário de uma grande cidade industrial, convidou um marxista a explicar lealmente, diante de cristãos militantes, o que pensava e esperava da Igreja. A exposição foi clara, precisa, verdadeira; o diálogo que se seguiu foi aberto e tolerante de parte a parte.

Entramos então em contato com aquele militante comunista que nos autorizou muito amavelmente a publicar a sua conferência na nossa revista. Ele se colocou à nossa disposição. Sabe, como nós, as incompatibilidades da ideologia marxista, materialista ~~utópica~~, com a nossa fé. Admite, como nós, as possibilidades de um diálogo entre pessoas conhecedoras da ideologia própria, assim como as condições e as modalidades de uma ação convergente com objetivos precisos (os quais foram fixados claramente - para nós, os cristãos - pela hierarquia).

Michel Verret explica isto numa carta à redação que publicamos. Ele mesmo se apresenta. Podemos reconhecer que ele é representativo da mentalidade marxista e ele se expressa com precisão sobre o aspecto que nos interessa especialmente. A ele agradecemos por ter aceito o nosso convite, dizendo-nos francamente o que pensa de nós.

A REDAÇÃO

CARTA À REDAÇÃO

Eis a minha versão, revisada, da conferência feita em outubro de 1963. Nada mudei do texto oral, mas precisei-o, pois para uma expressão pública de âmbito nacional, convém evitar a ambiguidade ou o estilo alusivo.

Faço questão, primeiro, sem frases rebuscadas, de dizer-lhes quão feliz me sinto, profundamente feliz por este estilo novo de intercâmbio, especialmente no nível concreto e engajado em que se situa sua revista, já recebi dois números sumamente simpáticos.

Perguntam-me como encaro um diálogo fecundo com cristãos em geral. De maneira mais simples (e a mais difícil) do mundo: encontrando-nos em todos os níveis e discutindo questões concretas primeiro: paz, por exemplo. A única condição é que o encontro seja concreto, isto é real, verdadeiro. Quero dizer:

1) Que não se discuta com um interlocutor imaginário - ou com a imagem que se tem dela - mas com um interlocutor verdadeiro e, se possível, representativo. É o que procuram fazer comigo, e lhes agradeço, assim como aos padres que tiveram a coragem de me convidar ao diálogo com militantes cristãos.

2) Que não se discuta mais, numa segunda etapa, com um apenas mas com vários, com todos. Ninguém pode ter a pretensão de representar sozinho todos os outros: o vigário da paróquia X não pode representar todos os vigários da cidade, nem eu todos os secretários da seção.

Num dado momento, é preciso confrontar a Igreja e o Partido (ou os outros corpos políticos e sociais) como realidades sociológicas, com a diversidade que implicam, e o grau de incarnação das doutrinas.

Que os vigários e os secretários de células, de seções ou de federações se encontrem. E os bispos? - falo de vocês, nós não temos bispos! Os bispos também se quiserem (já se tem feito, mas não bastante...). Nós, os comunistas, estamos prontos, e prontos a facilitar as demarches fazendo os primeiros passos.

Primeiro, estou à disposição de todos, como quiserem, sozinho ou com outros camaradas. Estou pronto também para responder, na forma que lhes agrada, às perguntas que minha conferência possa suscitar aos seus leitores.

Para ir mais longe ainda, creio poder dizer-lhes agora que a revista marxista na qual eu colaboro, La Nouvelle Critique, estaria dispo-

pa a engajar com vocês um diálogo sôbre o Concílio ou o movimento da Igreja etc. Fica bem entendido que o tema do diálogo seria decidido conjuntamente, assim como as formas de organização e de expressão.

O que é estúpido, é que tendo tão poucas oportunidades de estarmos juntos, acabe-se de lado a lado fazendo uma montanha de um simples encontro. Esta carta só pretende facilitar a realização de um encontro, se a proposta lhes agradar.

Tudo isso não foi dito na conferência. Ficam autorizados a acrescentar à minha carta, seja na minha linguagem, seja na sua, se achar útil. Anexo uma simples notinha de apresentação que peço seja publicada tal qual, e não ser que haja objeção por tática ou princípio da sua parte.

Agradeço de todo o coração. Com estima e sentimentos de amizade.

MICHEL VERRET

Nota da redação | Michel Verret afirmou, ao enviar seu texto, que estava à disposição da revista e dos leitores para responder, na forma que lhes agradasse, às perguntas que poderiam lhe ser feitas com relação a este texto... ou fora dele.

UM MARXISTA DIANTE DA IGREJA CATÓLICA

Não podemos viver juntos sem nos conhecer, nem nos conhecer sem nos confrontar. O diálogo entre marxistas e católicos é imposto pela vida. Por isso queremos abordá-lo sob o ângulo da vida: não pelas idéias que nos separam (Deus), mas pela terra que nos é comum, pelos homens que embora com crenças e sinais diferentes, têm que enfrentar os mesmos problemas.

Veremos a maneira pela qual um marxista pode hoje julgar a Igreja Católica como uma força histórica concreta; a Igreja não somente na França mas no mundo, uma vez que constitui um corpo universal.

Será feito com a franqueza que a preocupação da verdade e o respeito a outrem exigem. Sem nada esconder, isto é, do mais ao menos - severo, do negativo ao positivo.

A IGREJA COMO POTÊNCIA

A primeira aproximação da Igreja católica para um marxista me parece ser, incontestavelmente, negativa.

Um marxista é um homem que visa antes de tudo a transformação revolucionária da ordem capitalista numa ordem socialista. A Igreja - lhe parece primeiro como um obstáculo maciço para essa transformação. Tanto mais maciço porque mais poderosa. E é uma potência.

Uma potência econômica, rica em bens culturais (ouro e pompa de mais em Roma), em bens imóveis, um capital (Itália, por exemplo).

Uma potência social, dispondo de influências consideráveis sobre a vida cotidiana: a "recomendação" no emprego, a influência política direta ou por intermédio de pessoas influentes ou de partidos políticos, etc...

Uma potência organizada numa rede de instituições, abrangendo, nas sociedades mais clericais, todas as esferas da vida social: escola, patronato, movimento de juventude, sindicato, partido, cine-clubes, etc... Tudo isso, com as virtudes positivas próprias às associações comunitárias; mas também com servil estreitezas de uma comunidade fechada sobre si mesma, tendo "o outro": o leigo, o ateu, etc. ou, mesmo, o ignorante.

Uma potência enfim, bem vista pelas potências: bem vista pelos ricos, potentados, cuja marca ostenta tantas vezes, o estilo, a influência ideológica (da Igreja integrista à Igreja bem pensante, a

Igreja ricaça das missas mais solenes na catedral...) Bem vista também pelo Estado burguês dominante, cujo apoio político tantas vezes nós a vemos aceitar, e até mesmo procurar explicitamente por meio de acordos oficiais (Espanha) ou oficiosos (França). Como pode um marxista esquecer os dois acordos "de fato" passados por ela com os dois regimes mais reacionários que a França haja conhecido desde sessenta anos: Petain e de Gaulle? Como pode esquecer a maneira pela qual a Divini Redemptoris reclamava, antes da guerra, o apoio dos Estados constituídos (um dos quais facista) para a luta contra o comunismo?

A Igreja, uma potência? Sim. Uma potência que tende a conservar a ordem estabelecida, quando não procura retornar para qualquer ordem ultrapassada. Conservadora, sim, para não dizer reacionária. Até mesmo no próprio nível dos princípios da ordem.

Conservar, dizíamos.

Conservar a propriedade privada, inclusive a dos meios de produção; a doutrina social da Igreja tem constantemente reafirmado sua legitimidade, condenando os excessos. Os excessos, mas não o princípio: o princípio, pelo contrário, é sacralizado.

Conservar o Estado: o Estado monárquico, até Leão XIII, depois as Repúblicas conservadoras; em todos os casos, o Estado das classes economicamente dominantes, pois são elas também as politicamente dominante.

Conservar enfim as velhas idéias: a Igreja oficial tem a tendência de valorizar o velho como velho: a tradição; por exemplo, o princípio de autoridade, o retorno à terra, o patriarcado, etc...

AVALIAÇÃO DE UMA MORAL

Objetar-me-ão a moral. O amor, dirão, é uma idéia nova; o ódio é mais velho. É sim, mas como se julga o amor? Pelo que proclama, pelo que ensina, ou pelo que faz? Se se julga pelos atos e pelos fatos (os únicos critérios válidos para um marxista), a avaliação prática do amor católico nas sociedades da antiga tradição cristã, após uma impregnação espiritual de vinte séculos, é um terrível fracasso.

Não nego que o catolicismo dê aos cristãos uma moral. Chega-se até a identificar a religião com a moral a um tal ponto que muitos não imaginam uma moral sem Deus, e que um ateu, para eles, quase que é um viciado.

Mas qual a moral que a religião dá à massa dos crentes? Digo à massa, pois uma moral se julga, historicamente falando, não pelas elites, mas pelo tipo de homem médio que forma, pelo nível de civilização ao qual promove a massa dos homens cujas relações pretende regular. À massa dos católicos a religião ensina uma moral de hábito, do bom hábito: bons costumes - principalmente sexuais -, bons pensamentos e pensamentos bons, com tudo que isso implica de bondade, mas também de conformismo, de rotina, de docilidade. A obediência é uma virtude equívoca: esconde muitas vezes o medo de pensar por si mesmo,

o gosto da irresponsabilidade...

Quanto ao conteúdo destes hábitos e exigências morais, é essencialmente o de uma moral privada. Para a grande massa dos católicos, no século XIX e talvez ainda agora, é pecado em primeiro lugar o pecado privado: o pecado sexual, a inveja, a desobediência, etc... Estes pecados sociais enormes: a guerra injusta, o colonialismo (mesmo sem excessos: o simples fato de ter colônias, de oprimir povos...), a opressão econômica e política, a consciência católica dominante (há gloriosas exceções) os tem ignorado, quando não a apoiam em boa consciência, com Lavignerie e os seus mais a santa côrte do paternalismo social.

E quando por acaso, a Igreja leva realmente ao primeiro plano as exigências da moral social, na prática o que é que ensina em nome do amor? A paciência, a resignação, o amor e o respeito à ordem. Em resumo, as "virtudes" do sono, deste tipo de sono em que madornaram tanto tempo a Vendée, a Espanha e até mesmo Roma...

Como então poderia ter sido evitado o imobilismo da consciência, uma vez que se sacralizava o conservatismo político e social? Como esperar as vitórias do amor, quando este afirmava primeiro a necessidade de conservar uma ordem inteiramente baseada no interesse privado e na concorrência universal, no egoísmo e na indiferença, para não dizer no ódio?

UMA ÁRVORE MORTA ?

Ora, numa primeira aproximação, o marxista é tentado a ver na Igreja católica uma árvore morta, dessas árvores grandes que dão ainda muita sombra nas que já estão cortadas das raízes da vida. Não se constata, aliás, a morte real da fé, após dois séculos, em milhões de homens nestas massas descristianizadas da classe operária e dos meios urbanos? Irei mais longe: o marxista é tentado a ver a Igreja, numa primeira aproximação, como um corpo a ser derrubado. Desde o século XVI, a Igreja católica se encontra lutando contra as forças novas, inclusive as que segregava em seu próprio seio (desde Pascal até Lamennais e o Sillon). A estas forças novas porém não as pôde sufocar: nem as dos protestantes, filósofos, Revolução francesa ou comunismo... Não é normal então que estas forças vejam na destruição da Igreja uma das condições da sua própria vitória?

Esta tentação dupla, do desprezo e do ódio, tem um nome: a tentação do anticlericalismo vulgar, da negação total do fenômeno religioso, da hostilidade total à Igreja como corpo social constituído, tanto no âmbito do seu clero como no dos fiéis.

Esta tentação-reflexo não resiste porém ao exame do pensamento marxista refletido, isto é, a um estudo mais profundo da realidade (a realidade é a grande escola da reflexão marxista), pois a realidade da história recente da Igreja vem desmentir esta idéia que a Igreja já estaria morta. Não está morta, pois se movimenta. E, se é verdade que o peso do passado, dos ramos mortos (há ramos muito grandes) pesa sobre sua capacidade de rejuvenescimento, é verdade também que se podem ver botões desabrochando e anunciando tempos novos.

Nós, marxistas, estamos tão atentos quanto vocês, pois estamos atentos a tudo quanto é novo, a tudo que é promessa para o futuro. E a primeira aproximação cede lugar, para nós, a uma segunda, infinitamente mais positiva.

UM MOVIMENTO QUE SE PODIA ESPERAR...

Sim, os marxistas vêm com muita alegria a Igreja se movimentar, - pois querem mudar o mundo e tudo que possa contribuir para essa mudança no sentido exigido pela história, agrada-lhes.

Para falar a verdade, êste movimento, aliás, era esperado por êles. Já o tinham previsto, no mesmo momento em que muitos católicos duvidavam dêle. Já faz perto de trinta anos agora que o PC francês estendeu a mão aos trabalhadores católicos. Só se estende a mão a outrem para que a estreite. Pensávamos então que a nossa ia ser estreitada, que uma mudança se produziria nos crentes que ainda não a estreitavam ... Esta confiança se baseava em três razões de princípio:

1) A Igreja é um grande corpo popular, influenciando grandes massas. Não era possível que o movimento das massas não repercutisse aí de uma maneira ou de outra. A revolução francesa não encontrou seu eco até no clero?

2) O que caracteriza a época, é precisamente o despertar das massas. Uma subida prodigiosa da consciência e da organização dos trabalhadores reivindicando com uma capacidade sempre crescente o direito de organizar êles mesmos a sua própria vida. Esta reivindicação universal que toca, em níveis diversos, os efeitos e os princípios da exploração e da opressão de classe, não podia deixar de se exprimir fora da Igreja, na participação dos trabalhadores crentes às lutas democráticas; e dentro da Igreja, na constatação pelo "povo cristão" da influência dominante dos ricos, da união entre a hierarquia e os poderosos.

3) Já que êste movimento podia se apoiar nas tradições progressistas do passado cristão. A Igreja tem duas e mesmo várias tradições; contra as tradições conservadoras citadas acima, há também as tradições revolucionárias e progressistas do cristianismo primitivo, dos perseguidos e mártires, da paz cristã na Idade Média, a de Joana d'Arc muito de Peguy... Estas tradições não são as mais vivas e as mais fortes, ainda que não pelo alto, pelo menos no coração popular da Igreja? Parece que sim, do contrário não teriam despertado tão rapidamente...

Eis porque, talvez, a Igreja devia movimentar-se, porque se movimentava...

A IGREJA EM MOVIMENTO

Ela se movimenta por baixo - já sabem, não vou insistir - por baixo, com os operários cristãos: nós não desconhecemos, quaisquer que tenham sido nossas oposições ao paternalismo, depois ao reformismo, da CFTC, o progresso que representa esta organização - sobretudo na sua

ala volante - em relação ao imobilismo católico tradicional.

- por baixo, com os camponeses católicos: sua participação ao Movimento cooperativista camponês é importante.

- por baixo, com os meios de crentes os mais diversos, vimos se desenvolver um grande movimento de luta pela paz na Argélia; hoje, pela paz e pelo desarmamento.

Este movimento profundo do povo cristão se cristalizou pouco a pouco em torno de um núcleo de militantes, de sacerdotes, até de preladados decididos a reestabelecer o contato entre a Igreja e a época. Os sacerdotes não são, em certos aspectos, "intelectuais" da massa, em contato, mais do que outros, com o povo cristão, e por isso sensíveis a seus movimentos e as suas aspirações? Um pouco como, num plano muito diferente, os instrutores leigos... ou os intelectuais marxistas, mantendo uma ligação militante com o movimento operário...

Este trabalho de reflexão crítica, nos vários escalões da Igreja, vêmo-lo hoje - fato essencial e perceptível a todos - dando frutos no alto, passando do corpo à cabeça e se exprimindo, em nome da Igreja, para toda a Igreja, no Concílio e nos últimos textos pontificais.

É particularmente o caso da Encíclica *Pacem in Terris*. Como a lê um marxista?

P A C E M I N T E R R I S

Nós aí lemos:

1) Antes de tudo, o engajamento da Igreja numa política de paz. Uma política, e não somente vãos desejos ou orações; um programa relativamente preciso de desarmamento, o apoio dado nominalmente à ONU, o apoio prático dos atos de negociação (ver - de fato - o apoio do Papa à negociação, no momento da crise cubana, ou do tratado de Moscou).

2) Depois, a abertura da Igreja às exigências da época. Estes "sinais" do tempo (que são, para nós, marxistas, os nossos mestres), são reconhecidos pela Igreja, como nunca antes; e, ademais, de uma maneira justa. O essencial da época, dizíamos, é a reivindicação pelas massas dos seus direitos fundamentais. A Encíclica, ao contrário do Syllabus (é um verdadeiro anti-syllabus), reconhece a validade destes direitos e da exigência da felicidade. Adere sem restrições à carta dos Direitos fundamentais do homem. Gesto decisivo e com futuro promissor.

3) Acrescente-se, muito logicamente, a abertura da Igreja ao resto do mundo. Aos outros homens, crentes e não crentes, e aos valores - que possuem. Acabou-se (em princípio) o mito da cristandade fechada e da boa consciência satisfeita na qual ela mesma se fechava... Fala-se a todos os homens de boa vontade!...

À sua maneira, o Papa define, no fundo, os princípios da política da mão estendida:

- distinguir entre o êrro e os que o cometem
- distinguir entre os homens e as doutrinas às quais êles se li- gam.

Não é isso que nos leva, do nosso lado, a estender a mão aos cató- licos para defender a paz ou o pão (abstração feita de nossos desacôr- dos evidentes sôbre a questão de Deus ou da doutrina social da Igreja?)

Cada um na sua linguagem aborda o problema da ação comum para a defesa dos interêsses práticos e culturais do homem, além das divergên- cias ideológicas e da luta de idéias (sempre necessária e válida no seu próprio plano). O cristão não renuncia a sua fé, nem o marxista ao seu ateísmo, mas êles lutam juntos contra a bomba... por esta razão muito simples: a bomba não faria diferença entre êles; existe entre os ho- mens em níveis diferentes, interêsses universais - a paz é o mais alto - que requerem uma luta universal. Quando a sorte do mundo está em jô- go, precisa-se de todo o mundo: êste é um dos sinais do tempo. Todo o mundo, e evidentemente, entre outras (pois há outras), estas duas gran- des potências espirituais e sociais que são o catolicismo e o comunis- mo. As duas, pois nenhuma delas pode sôzinha salvar a paz e precisa-se até das outras fôrças, religiosas ou não que dividem o mundo: Islamis- mo, Hinduismo, Livre Pensamento laicista, etc.

A Igreja, pela sua mais alta autoridade, acaba de compreender e de proclamar esta tarefa, ajudando assim a realizá-la. Mostra assim - que ainda está viva. Pode viver, pois ainda pode ajudar a mudar a vida (aquilo que nós mesmos dedicamos nossa vida...).

Entre viventes, é claro, pode-se e deve-se mesmo dialogar. E o diálogo nasce de si mesmo. Sôbre que? Sôbre idéias? Sim, por que não? Mas primeiro sôbre a vida. Para aprendermos a viver juntos, e, se pos- sível, a vivermos melhor. Abrindo-se um ao outro. Mas também fazendo - recíprocamente perguntas, impostas pela vida, e sem as quais não seria para a Igreja como para nós, nem progresso nem aperfeiçoamento...

Examinemos então nêste espírito, as perguntas que os marxistas con- tinuam fazendo à Igreja, prontos a receber da parte dela outras tantas.

A S P E R G U N T A S D O M A R X I S M O À I G R E J A

Do menos ao mais, o campo é vasto.

1) O GHETTO CATÓLICO

As primeiras perguntas interessam ao que se poderia chamar de ghett- to católico. Quero dizer êste legado da cristandade medieval, que leva tantos católicos à segregação confessional voluntária nas várias esfe- ras da vida social, à organização sistemática de instituições sociais próprias aos católicos, em campos da prática social onde a linha de de- marcação não deveria ser religiosa: a escola, o sindicato, o partido.

a) A Escola Confessional.

Êsta é uma sobrevivência retardada da Idade Média, do tempo em

que só os clérigos lecionavam e lecionavam naturalmente sob um sinal religioso, uma vez que este sinal era universalmente aceito pela sociedade. Uma tal escola não pode mais existir, uma vez que a religião não é mais universalmente admitida. A laicidade, desde muito tempo, se parou a Igreja do Estado, e a escola estadual da Igreja, o ensino religioso tornando-se negócio privado (familiar), em relação com a escola pública, e a escola pública proclamando, para cada qual, a liberdade de crer ou de não crer, de dar ou de não dar aos seus filhos o ensino religioso.

A fé exige realmente mais do que isso? Será que exige que todo o ensino seja para os crentes confessionalizado; quer, quando possível, no nível da escola pública (concordato espanhol), quer, quando não é mais possível, numa escola privada mesmo subvencionada pelo Estado? (França).

Nós pensamos que uma tal exigência não tem fundamento.

- Nem do ponto de vista do ensino, pois seu conteúdo interessa - justamente (a religião posta à parte) a dados culturais universais: a língua, a ciência, o método racional, os direitos do homem, a tolerância, etc. Não há matemática católica ou marxista, e cada francês fala o mesmo francês.

- Nem do ponto de vista da juventude, dividida desde a infância segundo uma linha de demarcação confessional total e exclusiva, que contradiz inteiramente as exigências de abertura e de diálogo recíprocos, próprios duma educação humanista. A juventude católica precisa - realmente desta incubadora condicionada?

- Nem do ponto de vista, não diria da Igreja (isto não pertence a mim) mas da contribuição dos crentes ao progresso da sociedade francesa (e isto toca a mim, como a cada francês). Pois estas subvenções à escola confessional são regularmente pagas - não falo aqui do preço econômico, mas do preço político) - pagas pelos próprios cristãos. Pagas pelo compromisso com o Estado que paga as escolas, com as forças sociais reacionárias que fazem da defesa da escola livre o "cavalo de batalha" da reação na Igreja (veja no Oeste)... O problema da escola é uma das principais alavancas da reação sobre a Igreja e na Igreja, um dos principais obstáculos portanto ao avanço da própria Igreja...

b) O Sindicato Confessional

Que haja uma Ação Católica Operária, é muito normal para um não crente; a Igreja faz a sua propaganda de idéias em todos os meios, inclusive no meio operário, através de organizações que lhe são próprias. Mas é normal utilizar ainda esta linha de demarcação confessional quando se trata de uma organização reivindicadora cujo objeto é defender interesses comuns, além dos trabalhadores católicos, a todos os trabalhadores? É normal dividir a classe operária segundo critérios religiosos, quando se trata de lutas econômicas e sociais? Além do que o pluralismo sindical tantas vezes invocado junto aos trabalhadores, não está mais à altura dos patrões: não há senão um CNPF (?) Por que não haveria um sindicato único dos trabalhadores, crentes ou não crentes?

que só os clérigos lecionavam e lecionavam naturalmente sob um sinal religioso, uma vez que este sinal era universalmente aceito pela sociedade. Uma tal escola não pode mais existir, uma vez que a religião não é mais universalmente admitida. A laicidade, desde muito tempo, se parou a Igreja do Estado, e a escola estadual da Igreja, o ensino religioso tornando-se negócio privado (familiar), em relação com a escola pública, e a escola pública proclamando, para cada qual, a liberdade de de crer ou de não crer, de dar ou de não dar aos seus filhos o ensino religioso.

A fé exige realmente mais do que isso? Será que exige que todo o ensino seja para os crentes confessionalizado: quer, quando possível, no nível da escola pública (concordato espanhol), quer, quando não é mais possível, numa escola privada mesmo subvencionada pelo Estado? (França).

Nós pensamos que uma tal exigência não tem fundamento.

- Nem do ponto de vista do ensino, pois seu conteúdo interessa - justamente (a religião posta à parte) a dados culturais universais: a língua, a ciência, o método racional, os direitos do homem, a tolerância, etc. Não há matemática católica ou marxista, e cada francês fala o mesmo francês.

- Nem do ponto de vista da juventude, dividida desde a infância segundo uma linha de demarcação confessional total e exclusiva, que contradiz inteiramente as exigências de abertura e de diálogo recíprocos, próprios duma educação humanista. A juventude católica precisa - realmente desta incubadora condicionada?

- Nem do ponto de vista, não diria da Igreja (isto não pertence a mim) mas da contribuição dos crentes ao progresso da sociedade francesa (e isto toca a mim, como a cada francês). Pois estas subvenções à escola confessional são regularmente pagas - não falo aqui do preço econômico, mas do preço político) - pagas pelos próprios cristãos. Pagas pelo compromisso com o Estado que paga as escolas, com as forças sociais reacionárias que fazem da defesa da escola livre o "cavalo de batalha" da reação na Igreja (veja no Oeste)... O problema da escola é uma das principais alavancas da reação sobre a Igreja e na Igreja, um dos principais obstáculos portanto ao avanço da própria Igreja...

b) O Sindicato Confessional

Que haja uma Ação Católica Operária, é muito normal para um não crente; a Igreja faz a sua propaganda de idéias em todos os meios, inclusive no meio operário, através de organizações que lhe são próprias. Mas é normal utilizar ainda esta linha de demarcação confessional quando se trata de uma organização reivindicadora cujo objeto é defender interesses comuns, além dos trabalhadores católicos, a todos os trabalhadores? É normal dividir a classe operária segundo critérios religiosos, quando se trata de lutas econômicas e sociais? Além do que o pluralismo sindical tantas vezes invocado junto aos trabalhadores, não está mais à altura dos patrões: não há senão um CNPF (?) Por que não haveria um sindicato único dos trabalhadores, crentes ou não crentes?

Naturalmente, a unidade sindical coloca grandes problemas (que só os sindicatos e os trabalhadores podem resolver juntos). Mas há bastante problemas verdadeiros para que não se acrescente ainda este falso problema da partilha reivindicadora segundo a fé ! Por que não sindicatos judeus ou muçulmanos?

c) O Partido Político Cristão.

A mesma reflexão vale para o partido político cristão: O MRP na França, e, mais claramente ainda as democracias cristãs na Alemanha, na Itália, na Bélgica.

A linha de demarcação religiosa deve determinar, aqui também, a linha de demarcação política? Não, a linha de demarcação política é a dos interesses sociais diferentes em relação com o Estado, interesses comuns a classes ou camadas sociais, quaisquer que sejam as convicções religiosas ou filosóficas dos indivíduos que os integram. A Igreja reúne em seu seio indivíduos cujos interesses sociais e políticos são diferentes ou contraditórios: o operário e o patrão, o colono e o proprietário. É problema deles de reunir suas almas na Igreja, mas talvez não seja mais problema deles procurar reunir, em nome de uma fé comum, seus interesses políticos contraditórios num partido comum; aliás isto corre o risco de ser nada mais do que o negócio dos patrões e dos proprietários e latifundiários. Se o operário cristão se sente mais perto politicamente - não digo religiosamente - do patrão cristão do que do operário ateu, aposto que suas escolhas políticas se farão a favor da classe dos patrões contra a classe operária, com prejuízo para seus próprios interesses sociais. Isto se tem verificado constantemente na democracia cristã alemã ou belga.

Eis uma primeira série de perguntas. As mesmas que vários católicos avançados se fazem, aliás, algumas há muito tempo: aqueles que mandam seus filhos à escola pública, ou aqueles militantes que querem tirar o C de CFTEC ou aqueles trabalhadores católicos que decidem votar num socialista ou comunista...

2) A DOCTRINA CATÓLICA DA PROPRIEDADE

A segunda série de perguntas dizem respeito à propriedade. Ei-la, brutal; o Cristo, o Evangelho exigem realmente da fé, da Igreja, do Papado, a sacralização da propriedade privada dos meios de produção (por tanto do capital), como o ensina até agora, em termos explícitos, a encíclica Mater et Magistra (muito tímida em relação com Pacem in Terris)? Deus proíbe, por princípio, a propriedade social coletiva dos meios de produção? Deus condena o socialismo? Deus ou os homens ainda ligados a idéias, a costumes, a interesses de uma época que a nossa época está justamente superando?

Mater et Magistra reconhece, sim, a tendência geral da vida moderna à socialização. Admite, por conseguinte, a função social da propriedade e da legitimidade da intervenção do Estado no setor privado (mediada cujo sentido social e político é porém por si mesmo equívoco, pois tudo depende do conteúdo democrático ou não do Estado; Franco também intervem... mas no sentido do capitalismo de Estado). Por que a Encíclica limita precisamente os direitos da socialização à socialização -

da propriedade, isto é, ao principal - pois não se socializará plenamente a renda, o serviço social, etc. senão quando se houver socializado a propriedade? A Encíclica nem mesmo se pronuncia sobre a divisão das terras, dos latifúndios imensos da Espanha ou da América do Sul!

A Igreja justifica o direito natural à propriedade privada dos bens de produção como sendo a única garantia possível da liberdade de ação e de iniciativa do indivíduo, como sendo a garantia econômica de seus direitos. Argumentos capciosos, pois:

- o exercício da propriedade privada dos meios de produção sociais (fábricas) socialmente utilizados por uma coletividade de assalariados exclui por si mesmo da propriedade - portanto da garantia dos direitos - os não proprietários. E há muitos, uma vez que há assalariados; e é mesmo a definição deles de não sê-lo!

- Não se vê, por outro lado, que a associação exclui a iniciativa e a liberdade, nem num grupo de pesquisas, nem num grupo esportivo, nem num sindicato, etc. Por que a excluiria numa cooperativa de produção ou numa fábrica socializada? A associação não requer, pelo contrário, a promoção, num nível superior, da responsabilidade pessoal, a elevação do nível de iniciativa, etc.?

- É verdade que as experiências conhecidas de socialismo têm nos trado também (Staline) a possibilidade de desvarios autoritários. Nada é fatal, nada é sem riscos. Mas não se vê que o risco do autoritarismo seja menor no capitalismo, pelo contrário (facismo...) e, também os desvarios de autoritarismo do socialismo não são de si mesmos fatais. Os próprios comunistas os tem denunciado e tem começado a corrigi-los na URSS. Os erros do socialismo na URSS (que devem aliás sempre ser confrontados com o resultado adquirido: esta promoção imensa de um povo, analfabeto e oprimido à dignidade da civilização moderna), esses erros históricos não bastam, em todo caso, para condenar o princípio universal do socialismo.

Este "direito natural" proclamado pela Igreja, não seria, afinal de contas, a sacralização em nome do direito eterno de um estado de fato histórico: o estado da propriedade até agora e ainda hoje (antigamente e ainda atualmente) dominante nos países da cristandade? Mas, neste caso, a Igreja não continuaria - mesmo contra sua vontade - de prestar um serviço máximo às classes dominantes, e não continuaria a se colocar, mesmo no seu princípio, contra as aspirações profundas das massas ativas?

3) A Condenação da Revolução

Até Pacem in Terris resta alérgica à revolução. Ela lhe opõe uma evolução cuja direção e ritmo devem ser determinados com prudência pelas elites; em relação com o direito de iniciativa das massas, Pacem in Terris resta, ao contrário de seu espírito geral, de um paternalismo tímido.

O amor católico exclui sempre as revoluções. E por que? Porque

não mudar rápida e radicalmente, totalmente o que pode ser mudado, se de verdade pode ser mudado? Por que esta paciência reafirmada diante do mal histórico?

A razão essencial invocada pela Igreja é a ligação geralmente constatada entre revolução e a violência social armada (guerras civis, terroreres de 1793, de 1917 até 1921, etc.)

Notemos que esta posição é muito unilateral; se lermos as encíclicas, parece que as revoluções tiveram que escolher entre a violência e a não violência, enquanto sempre tiveram, até agora, que escolher entre duas violências (a que se exercia a favor da restauração da ordem antiga - a invasão em 1793 e em 1919 - e a que garantia e defendia a ordem nova). Se compararmos o valor terrorista das duas...! A "Commune" fuzilou menos de 100 reféns; Galifet fuzilou 20.000 operários. E só se vê esta violência... Mas havia também e - já - uma violência silenciosa, menos diretamente mortífera, mas não menos real sob o II Império: a da exploração, opressão e humilhação de classe. Estas formas silenciosas da violência, a Igreja com frequência - pelo menos na sua doutrina oficial - não as repara... Vê somente a violenta resposta das massas, sem ver que é uma resposta...

Mas deixemos isto - é um debate antigo - para analisar um destes sinais dos tempos que o marxismo proclama há vários anos, mas que ainda não é perceptível, ao que parece, à Igreja oficial. Este sinal é ligado ao enorme progresso do movimento das massas e seus sucessos já adquiridos. Por ele, por eles, a possibilidade, hoje aberta, de revolução socialista sem guerra civil nem terror, possibilidade de uma via pacífica para o socialismo.

O que leva à violência revolucionária? a violência com a qual as classes dominantes se defendem, pelas próprias armas (exército, polícia) ou pelas do estrangeiro (os Prussianos, em 93; os Aliados, em 19). Mas se o movimento das massas fôsse bastante vasto e bastante forte para desarmar o exército antes que atire, para vencer totalmente a violência (pensemos no fracasso dos "putschs" argelianos ou nos da OAS) se as forças do socialismo e da paz forem bastante fortes para impedir a intervenção armada da contra-revolução estrangeira (pensemos em Cuba) então, sim, uma via pacífica torna-se possível. Possível, se o movimento de massa for bastante forte, portanto bastante democrático para tirar a contra-revolução armada a esperança de vencer. E seu caráter democrático amplo (vários partidos, para fundar o socialismo na França - não estamos na URSS, nem estamos mais em 1917) daria as melhores garantias contra o perigo ulterior de predonínios autoritários...

Nesse caso, qual a razão de fé teria a Igreja para se opor à idéia e à realidade de uma revolução socialista? Tanto mais que no recusar-se daria uma chance maior à violência, aquela que implicaria - num movimento mais restrito da massa, menos forte - e será forçosamente menos forte se as massas católicas se recusam a associar-se em nome de Cristo ou do amor. Mas tem realmente o direito de invocar esses nomes? Não vemos porque o cristianismo que foi em seu tempo uma grande revolução dos espíritos, se oporia hoje, por princípio, à revolução que a época exige nas coisas.

Será que é mesmo o Cristo que leva a Igreja oficial à esta recusa? Não será, muito simplesmente - e até demais - temporalmente, a presença dos ricos na Igreja, o poder deles sobre ela? E não é a influência deles que leva o Papado a se ajustar temporalmente com eles e a procurar, na sua doutrina social, a impossível conciliação de interesses sociais contraditórios, com prejuízos para os interesses sociais dos mais fracos?

Nós, marxistas, julgamos que a Igreja deveria refletir muito mais profunda e audaciosamente sobre as relações entre o amor cristão e os direitos do capital...

Eis as três perguntas que fazemos aos cristãos. Confiamos neles para a resposta, o desejamos que possam responder com êxito. Não por causa de Deus (não cremos nele), mas por causa de nosso povo, da cultura universal da qual o marxismo pretende ser hoje o herdeiro pleno e íntegro.

DO APERFEIÇOAMENTO DOS VALORES

A cultura é o instrumento do aperfeiçoamento do homem, de suas maneiras de ser, de sentir, de pensar: o que chamaremos com vocês "a alma" as palavras não importam...

Para nós, a "alma humana" é o produto da história e da civilização, da cultura. O homem conquistou sua alma... e nenhuma das conquistas da alma poderia nos ser estranha... Nem as conquistas da alma cristã, nem as das outras (da civilização pagã antiga ou da era da luz, por exemplo...).

Na medida que o cristianismo moderno conservar as virtudes do cristianismo antigo, muito poderemos aprender com os cristãos, assim como os cristãos podem sem dúvida aprender conosco.

Quais as virtudes que o cristianismo nos transmite? Por exemplo, as seguintes:

a) Uma sensibilidade fina e profunda da miséria humana.

Da miséria dos corpos, mas também da miséria da alma; a solidão, o fracasso, a sordidez das almas. Todas as dimensões do sofrimento; os marxistas podem às vezes esquecê-las, tentados pela utopia ou engolfados nas tarefas concretas...

b) Depois, o sentido da comunidade

Contra o individualismo egoísta e anarquista, o cristianismo afirma com razão o sentido do outro, da responsabilidade diante dele; isto nos aproxima apesar das diferenças. Também essa preocupação da massa, a preocupação de levar os outros consigo, de não ter razão sozinho; a virtude da modéstia, tão necessária à ação.

c) Finalmente, o sentido da esperança
... contra as tentações - tão compreensíveis - do desespero e do

pessimismo. A esperança celeste nós é estranha. Mas, desde que o cristianismo não a opõe à esperança da terra, então temos juntos o sentido do futuro melhor, de um futuro cósmico universal, ecumênico, como diriam vocês. Teilhard de Chardin evocou o cristianismo sob esta dimensão da esperança, nós nos sentimos perto dele neste plano.

Estas virtudes, o cristianismo pode continuar a dá-las (não só zinho, dá-las também) a todos os homens. À condição porém de mantê-las vivas, isto é, de exercê-las e vivê-las, de saber transmiti-las a outrem, isto é, vivê-las com eles, pois é somente numa ação comum que pode realizar-se a troca (o diálogo) e a fusão das virtudes.

Talvez os marxistas possam trazer, por sua vez, a esse tesouro comum da luta vivida para o aperfeiçoamento humano, virtudes úteis ao cristianismo (muitos dentre vocês podem objetar que já as conhecem; digamos então que só queremos levá-las a sua lembrança caso for tentado a esquecê-las).

a) A virtude da impaciência.

Não a impaciência má, (aquela que encoleriza e faz violência), mas a impaciência boa, aquela que não tolera que se aceite o mínimo a traso naquilo que deve ser mudado, pois a paciência com o mal nunca é uma virtude se o mal pode ser mudado. Podemos talvez lembrar à Igreja que ela consente demasiado rápido, à lentidão do bem (a evolução contra a revolução), que emprega por demais e com demasiada facilidade seu tempo, que a época é para a aceleração do bem.

b) o sentido do mundo

e da ação no mundo, para mudá-lo. Esta idéia não é estranha aos cristãos: a Encarnação já é um pouco isto. Mas os cristãos, muitas vezes, são tentados de angelismo: a se interessar só pelas almas, e não pelo mundo, ou querendo mudar o mundo mudando primeiro as almas, enquanto as almas não mudam a não ser mudando o mundo, e que um mundo mudado pode mudar as almas. "Procure não apenas ser bom, mas a deixar um mundo bom" (Brecht), ou pelo menos melhor... Podemos ensinar aos cristãos a pensar melhor, com mais audácia, nas vantagens do otimismo terrestre.

c) enfim, a virtude do concreto

É muito bom odiar o mal (eu não digo o "mal", mas o mal), todavia é preciso conhecê-lo, nomeá-lo, analisá-lo, definir os meios para vencê-lo. Nós, os marxistas, damos um nome ao mal histórico: não o Pecado ou a Maldade, com Maiúsculas, mas a guerra, a exploração. Não somente a exploração, mas tal exploração: capitalismo, colonialismo, etc. (todos os "ismos" do mal); não só a exploração capitalista, mas esta exploração capitalista destes monopólios nestas fábricas. Não a guerra em geral, mas a guerra na Argélia... Não a abertura em geral da Igreja em geral ao mundo moderno em geral, o que é apenas uma frase, mas esta ação, entre vocês aqui e nós aí, para a assinatura desta petição; o que se torna uma ação real; modesta mas real.

O realismo comunista presta à caridade cristã o serviço de colocá-la diante de suas responsabilidades práticas, concretas, libertando-a assim dos perigos da frase, da efusão abstrata ou da simples declaração de intenção. Pois rezar para a paz é bom, mas agir é melhor. E a oração não toma o lugar da ação.

Isto, cristãos, vocês o sabiam? Sim; mas não o praticavam e não o praticam sempre... Por isso sempre é bom lembrar-lhes.

* * *

Estou acabando com as nossas perguntas. Naturalmente desejo que os cristãos nos façam por sua vez as suas, e que procuremos juntos respostas. As respostas teóricas, na discussão, e as respostas práticas, na ação comum em todos os planos parciais onde já é possível: não somente as lutas reivindicadoras - a luta pela paz - mas as lutas pela democracia.

Uma tal busca supõe de parte a parte a virtude da invenção, indispensável para criticar e rejeitar os velhos reflexos de sectarismo e este reflexo ainda mais velho de desconfiança mútua. Nada é mais difícil do que a confiança, mas nada é mais necessário para mudar o mundo. E é preciso mudá-lo, porque não vai bem, nem para os homens, nem - imagine - para Deus.

MICHEL VERRET